

Resumo: As transformações ocorridas nas últimas décadas importam para a conjuntura atual um cenário munido de inúmeras transformações que vão desde o assentamento tecnológico à sua apropriação no contexto social. Isso fez com que as tecnologias da informação e da comunicação pudessem avançar de forma expressiva e romper com as barreiras tanto físicas quanto geográficas a fim de oferecerem novas possibilidades de serviço por meio de uma atuação conjunta e interligada: as redes. Essa noção, por estar presente em toda a base da atual sociedade, se vincula ao contexto da educação, e, conseqüentemente, aos equipamentos de informação, como são as bibliotecas. Mediante isso, objetivou-se compreender como são estruturados os recursos humanos, físicos, financeiros e de informação para garantir a funcionalidade de uma rede de bibliotecas escolares. Metodologicamente, foi realizado um estudo qualitativo, descritivo e exploratório. Os dados foram coletados por meio de uma entrevista semiestruturada aplicada à coordenadoria de uma rede de bibliotecas escolares com sede na cidade de São Paulo. O método empregado foi a Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin. A técnica eleita para operacionalizar a aplicação desse método foi a análise de tipo temática. Houve a elaboração de um sistema categorial. As principais conclusões do estudo foram: a) atuar em rede requer insumos das mais variadas naturezas para a garantia de oferta dos produtos e serviços de informação; b) uma rede de bibliotecas escolares oportuniza o desenvolvimento equilibrado das unidades de informação vinculadas à rede.

Palavras-chave: Análise de Conteúdo; Biblioteca Escolar; Rede de Bibliotecas.

Abstract: The transformations that have taken place in the last decade import for the current conjuncture a scenario provided with innumerable transformations that go from the technological settlement to its proportions of appropriation in the social context. Thus, information and communication technologies could move forward expressively and break down both physical and geographical barriers in order to offer new possibilities through an interconnected action: the networks. This notion is also linked to the context of education, and, consequently, to the information units, such as the libraries. The overall objective of this study was to understand how human, financial, physical and informational resources are structured in school libraries network. Data collection was carried out via an interview applied to the coordinator of a school library network from São Paulo. The methodology used qualitative, descriptive, and exploratory approaches. Content Analysis was used as a research method and its thematic analysis technique was undertaken to attain the research proposal. Findings were: a) work in network requires inputs of the most varied nature to guarantee the offer of products and information services; b) a school libraries network promotes a balanced development of the networked information units.

Keywords: Content Analysis; School Library; Libraries Network.

1. Introdução

Em diferentes ramos de atuação pessoal e profissional busca-se por aprimoramento e agilidade que facilitem o cotidiano, desde as atividades mais simples até a resolução de problemas complexos. Tanto no âmbito profissional quanto no social essa lógica se repete e fica cada vez mais nítido que os seres humanos, nos seus vários domínios da vida, se congregam para atingir objetivos comuns. Além disso, as transformações ocorridas nas últimas décadas importam para a conjuntura atual um cenário munido de inúmeras transformações que vão desde o assentamento tecnológico à sua apropriação no contexto

social. Isso fez com que as tecnologias da informação e da comunicação pudessem avançar de forma expressiva e romper com as barreiras tanto físicas quanto geográficas a fim de oferecerem novas possibilidades de serviço por meio de uma atuação conjunta e interligada: as redes.

Manuel Castells (2005b:566), grande estudioso do assunto, infere: “[...] redes são estruturas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos”. Assim, as redes assumem estruturas expansíveis, que interconectam pontos de acesso que passam a se comunicar com o todo. As redes também partilham uma mesma codificação, significativa tanto para as partes quanto para o todo. Desse modo, as redes perpassam os serviços e as instituições, serviços dos mais variados tipos e instituições das mais variadas naturezas.

Mediante o exposto, sabe-se que empresas particulares estabelecem fusões, buscando mais espaço no mercado e maiores rentabilidade e economia em vários aspectos, essencialmente relacionadas à administração e produção, tendo em vista os seus produtos e serviços. Favoravelmente, setores públicos também encontram nas redes um apoio para o fortalecimento dos seus projetos e processos técnicos e culturais, pois visam atingir um número cada vez maior de pessoas num curto espaço de tempo.

Destarte, compreende-se que as redes estão presentes hoje nos mais diversos setores de atuação e acabam por protagonizar o cenário da globalização, pois são um forte influenciador de uma nova configuração social, se tornando de extrema relevância por facilitarem o compartilhamento de dados (FERREIRA, 1994). Elas ampliam um espaço interativo com contatos e permitem a troca de diferentes informações de interesse coletivo dos indivíduos que atuam nos diversos setores. Dados seu caráter tecnológico e sua função social, as redes ainda comportam uma capacidade melhorada de comunicação e detectam com maior eficácia os problemas, facilitando as soluções apropriadas justamente por agregarem e congregarem agentes dotados de sensibilidades e afinidades comuns.

Em face ao exposto, este estudo objetivou compreender como são estruturados os recursos humanos, físicos, financeiros, tecnológicos e de informação para garantir a funcionalidade de uma rede de bibliotecas escolares. Sobre esses ambientes, percebe-se haver o surgimento de necessidades de informação específicas para públicos cada vez mais conectados às “velhas” e “novas tecnologias” que dão suporte à informação. Isso exige que o setor seja reestruturado para que possa ampliar os serviços e produtos ofertados com a finalidade de otimizar processos para atender às necessidades informacionais dos usuários de unidades de informação, por isso empreender esta reflexão; a justificativa deste estudo.

Metodologicamente, foi realizado um estudo qualitativo, descritivo e exploratório. Os dados foram coletados por meio de uma entrevista semiestruturada aplicada à coordenadoria de uma rede de bibliotecas escolares com sede na cidade de São Paulo. O método empregado foi a Análise de Conteúdo, de Bardin (2016). A técnica eleita para operacionalizar a aplicação desse método foi a análise de conteúdo de tipo temática. Houve a elaboração de um sistema categorial.

2. Breve abordagem da sociedade em rede

O termo ‘sociedade em rede’, ou ainda ‘sociedade informacional’, pode suscitar em ocorrências da ordem do imaginário, que fazem referência ao campo do ciberespaço, com os cibernautas, e até mesmo às operações robóticas amparadas pelos apetrechos da telecomunicação. Entretanto, diferentemente de alguma expectativa humana de que essa seja a esperança de uma tecnologia que resolva os problemas do mundo, a sociedade em rede é aquela em que nós vivemos, aquela que, vagarosamente, num processo movente, acabamos por adentrar (CASTELLS, 2005a; CASTELLS, 2005b).

O vocábulo ‘rede’ chega à ciência por meio do médico e naturalista italiano Marcello Malpighi. A forma primitiva desse conceito tinha estreita relação com a tecelagem, sendo que essa relação permitiu que dicionários do século XVII ainda definissem o termo como um trabalho de fio ou seda, ou um tecido em que há malhas e aberturas. Contudo, posteriormente abocanhado pela área da medicina, o termo ‘rede’ passa a pertencer ao vocabulário médico até o fim do século XVIII, sendo na virada desse século para o século XIX que podemos assistir à ruptura do cordão umbilical dessa noção com o corpo humano. Em vista disso, viu-se emergir no mundo uma acepção moderna da palavra ‘rede’, que passou a carregar consigo uma matriz técnica de arranjo do território (MUSSO, 2010; MARTELETO, 2007).

Para Benigno (2010), o prenúncio da sociedade em rede ocorre na década de 1990, um período a partir do qual as pessoas passaram a se apoderar da expressiva capacidade de comunicação que a internet propunha, além da possibilidade de usá-la como instrumento de trabalho e de criação de conhecimento e de riquezas. Houve, com isso, uma apropriação da internet pelas pessoas no intuito de construir suas próprias redes, que, segundo Castells (2005a), “[...] incluem e organizam o essencial da riqueza, o conhecimento, o poder, a comunicação e a tecnologia que existe no mundo” (p. 19). Dessa maneira, considera-se que este é um novo contexto a partir do qual a vida das pessoas é alcançada e desenvolvida. Isso quer dizer que essa nova forma de sociedade representa um novo alicerce no qual se assenta o planeta, e pouco a pouco absorve as inúmeras formas de ser e existir no mundo, dada a abundante oferta de TIC – Tecnologias da Informação e da Comunicação – adaptáveis à vida das pessoas.

Nas palavras de Cezar e Suaiden (2017), esse novo paradigma que tem alta penetrabilidade da informação associa-se à reestruturação e expansão do capitalismo no mundo, gerando, a partir disso, impactos pontuais nos diversos tipos de relações, a saber: nas econômicas, sociais e humanas, nas relações de estrutura organizada em redes sociais e eletrônicas, na reversibilidade dos processos e produtos a partir do uso de tecnologias, na globalização das atividades econômicas e na convergência de tecnologias envolvendo diferentes áreas de conhecimento.

Essa nova forma de sociedade só pode se desenvolver a partir de um novo contexto. Fala-se de um novo sistema tecnológico e das tecnologias da informação e da comunicação de base microeletrônica, além da comunicação digitalizada. Contudo, vale ressaltar que o nascimento da sociedade em rede não tem relação com o determinismo tecnológico, embora seja evidente que sem a tecnologia essa nova forma de organização social nunca teria vindo à existência. Dessa maneira, a tecnologia não exerce determinação sobre a sociedade, é apenas por ela incorporada. Mas a sociedade tampouco determina a inovação tecnológica, apenas a utiliza. Em virtude disso, é oportuno relembrar que a eletricidade não

foi a determinante da gênese da sociedade industrial, entretanto, sem a eletricidade, questiona-se se tal sociedade teria existido (CASTELLS, 2005a; CASTELLS, 2006; PRIMI, 2016).

O paradigma tecnológico que enquadra a microeletrônica, a informática, as telecomunicações e os novos materiais sintéticos desde a década de 70 passou a se expandir de forma grandiosa. Tomou proporções de alcance em termos de inovação tecnológica com aplicações, assim como penetrou em todos os âmbitos da atividade humana. Castells (2005a) considera que é possível considerarmos que a internet assuma papel protagonista neste novo sistema de *corpus* tecnológico, uma vez que ela é uma rede de computadores interligados por uma linguagem informática comum; ademais, ela é um meio de comunicação livre e interativo baseado em programas informáticos.

[...] utilizando a internet como plataforma tecnológica para a criação de fluxos de comunicação, esta sociedade [a sociedade em rede] tem vindo a estabelecer novas formas de sociabilidade, de produção, de intervenção cívica, forjando as novas características que a enformam (BENIGNO, 2010:28).

Para Benigno (2010), contextualizar essas redes é elencar suas possibilidades de existência mediante as modernas TIC. As redes têm dimensões variáveis, são estruturas abertas e dinâmicas, acessíveis globalmente por qualquer pessoa. Dessa forma, na atual conjuntura, os processos enredados no bojo da dominância estão cada vez mais baseados em rede, constituindo, assim, o modo principal de organização das atividades humanas, pois, sob essa lógica, transformam todos os domínios da vida. Essa lógica tem relação com o estabelecimento de um sistema tecnológico centrado nas TIC, que, para Castells (2005a:21), denuncia “[...] a formação de uma nova economia, um novo sistema de meios de comunicação, uma nova forma de gestão, tanto nas empresas como nos serviços públicos, uma nova cultura”, além de assumir que as “Redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura” (CASTELLS, 2005b:565).

Portanto, a transitável sociedade em rede fomenta discursos que denunciam a formação de uma nova conjuntura social em que o trabalho em rede se faz no bojo de uma nova e emergente forma de economia amparada tanto pela internet quanto pelas TIC à ótica da globalização e do capitalismo. Desse modo, atuar em rede é sinônimo de uma cooperação que se comunica com a necessidade de um novo entendimento para o estabelecer estrutural de um mundo ‘já-lá’.

3. Bibliotecas escolares em rede

A noção de rede igualmente se vincula ao contexto da educação, por ser fundamental até mesmo para os equipamentos de informação, como as bibliotecas. Como houveram considerado Varela Orol, García Molero e González Guitian (1988:218), a rede de biblioteca é “[...] uma organização [...] formada por um conjunto de bibliotecas conectadas que se comprometem formalmente na consecução de objetivos comuns”. Na mesma direção, Castro Filho (2018:23-24) corrobora os autores ao afirmar: “Para que uma rede de

bibliotecas seja considerada como um organismo coletivo, é necessário saber reconhecer as suas especificidades e as suas diferenças, mas que essa rede tenha interesses em comum”.

Como um dos objetivos em comum das bibliotecas é possibilitar o acesso à informação e ao conhecimento, fica claro compreender que as bibliotecas facilmente se adequam a essa estrutura que tem como alicerce as redes de base microeletrônica e nelas tornam confluentes a busca dos seus objetivos. Assim, integradas a uma rede, as bibliotecas escolares passam a ter a sua funcionalidade ampliada, pois as redes de bibliotecas potencializam o desenvolvimento daqueles que as utilizam.

A incorporação de unidades de informação para a formação de redes, como entendem Camillo e Castro Filho (2016), passou a ser uma opção viável, prática e sinônimo de melhoria da produção, pois vai em direção à oferta de produtos e serviços e aproveitamento de recursos dos mais variados tipos, que conferem funcionalidade às unidades de informação interconectadas em rede.

A demanda do trabalho em rede em bibliotecas consiste em uma divisão de atividades e soma de outras na ambiência escolar. Oportunamente, atuar em rede incide no oferecimento de resultados positivos e significativos às unidades de informação interligadas. Todas estão inseridas dentro de uma escola, que atua de forma semelhante às outras: a mesma concepção de ensino, o mesmo sistema, o mesmo método. Com tantos pontos em comum, integrar bibliotecas para o fim da cooperação é, de todo, plausível e justificável.

Observa-se que as bibliotecas escolares interligadas em rede visam alcançar melhores resultados e mais agilidade nos seus processos, pois anseiam, com isso, dentre outros fins, ampliar o número de usuários atendidos, assim como expandir a qualidade da oferta dos seus produtos e serviços. Desse modo, a biblioteca escolar pode voltar-se para a sua função social de formar competências social, cognitiva, científica e cultural nos sujeitos mirins da informação, valendo-se das redes para centrá-los nas atividades de mediação, acesso e uso da informação (BEZERRA, 2008; SILVA e VENTORIM, 2016).

Uma rede de bibliotecas escolares tem requisitos imprescindíveis ao seu funcionamento, que englobam os recursos financeiros, humanos, físicos, tecnológicos e de informação. A IFLA (2005, 2016), em suas diretrizes, preconiza a necessidade desses recursos para que se tenha uma gestão da biblioteca escolar por pessoal qualificado com a finalidade de tornar os programas e serviços da biblioteca escolar eficazes.

Com relação aos recursos financeiros na rede de biblioteca escolar, além de haver a possibilidade da busca por recursos subsidiados pelo governo, não podem ser excluídas as possibilidades de captação financeira em parceria estabelecida com a iniciativa privada e terceiro setor. Fala-se de projetos de cunho social, educacional e cultural que trazem benefícios para os usuários e leitores das bibliotecas, para a gestão de coleções, para a promoção e as práticas das competências da leitura, para os produtos e serviços de informação. Isso não finda em privatizações, mas gera colaboração entre os setores de desenvolvimento econômico, isto é, primeiro, segundo e terceiro setores.

Quanto aos recursos humanos, a rede deve ser formada por uma equipe familiarizada com os mesmos objetivos, que busque por novas parcerias para realizações sociais e culturais e

que esteja atenta às novas tendências e, naturalmente, aos novos desafios que se apresentem durante o processo, como é o caso específico das bibliotecas escolares.

Os recursos físicos das bibliotecas escolares são indispensáveis ao seu pleno funcionamento, dado que também é por meio deles que a materialidade da rede e da biblioteca escolar tomam forma no espaço escolar. Uma estrutura física confere identidade ao espaço e é, com isso, condição fundamental para um bom e eficaz atendimento prestado à comunidade escolar.

Sobre os recursos de informação, estes são as várias tipologias de informação, analógicas, eletrônicas e digitais, presentes em unidades de informação. Esse recurso engloba todas as fontes de informação internas ou externas à própria unidade, mas que são, ao fim, acessíveis a partir dela (CAMILLO e CASTRO FILHO, 2018).

Acerca das bibliotecas virtuais, mas não distante da reflexão que se empreende neste estudo sobre redes de bibliotecas, e mais pontualmente sobre os recursos tecnológicos, Marchiori (1997) dissertara que o ambiente em rede só é possível se os participantes envolvidos nesse processo possuírem recursos tecnológicos adequados.

Brito e Vitorino (2017) perpassam essa dimensão das tecnologias da informação e da comunicação presentes nas bibliotecas ao inferirem que os recursos tecnológicos, informacionais e comunicacionais são mediadores da relação social, fenômeno comumente presente em unidades de informação.

Como produtos de informação viáveis a uma rede de bibliotecas escolares, valendo-se do entendimento de Borges (2007), se tem: a) livros, b) recursos em Braille, c) texto falado, d) videotexto, e) audiolivro, f) catálogos, g) catálogo online, h) manuais, i) panfletos, j) cartilhas, k) folders. Sobre os serviços de informação, ainda à luz do entendimento desse autor, tem-se: a) disseminação seletiva da informação, b) consulta local, c) empréstimo domiciliar, d) atividades culturais, e) oficina literária, f) comutação bibliográfica, g) realização de eventos e campanhas, h) divulgação na web por meio de página da rede, i) serviços que notabilizam a acessibilidade, j) levantamento bibliográfico, k) pesquisa de opinião, l) acesso público à internet, m) blogs com informações utilitárias, n) serviço de referência presencial, o) serviço de referência online, p) treinamento específico, q) biblioterapia.

Esses são, à vista disso, alguns dos produtos e serviços de informação que podem ser integrados a uma rede de bibliotecas escolares como parte da sua responsabilidade na construção de uma abordagem pedagógica distinta e plural, que prime pela disseminação e uso da informação nas bibliotecas escolares. O avanço dessa abordagem perspectiva o rompimento do silêncio que supostamente pode haver nesses espaços do saber, gerando interações mais intensificadas, dinâmicas, participativas e colaborativas com os usuários da informação (CAMILLO e CASTRO FILHO, 2016).

As redes agilizam os processos de organização e disseminação da informação, na medida em que são constituídas por trabalho em equipe. Assim, Oliveira e Cianconi (2013:230) afirmam que

as redes podem ser compreendidas como veículos propulsores da inovação, sendo desencadeadoras de transformações pessoais, profissionais,

organizacionais, econômicas e sociais, permitindo, inclusive, o fortalecimento de áreas do conhecimento e a otimização de processos de trabalho. Para melhor compreensão das diferentes possibilidades de atuação em rede, foram destacados os processos de cooperação, colaboração e compartilhamento, que costumam permear o trabalho em rede.

Nesse sentido, como Pimentel (1977) já houvera inferido há muito, a rede deve, então, objetivar:

- a) Treinamentos para a equipe das bibliotecas, garantindo conhecimentos técnicos e propiciando atendimento aos leitores;
- b) Produção de ações e serviços técnicos e culturais;
- c) Criação de parcerias com empresas privadas;
- d) Realização de atividades de função social para a comunidade escolar;
- e) Aplicação de pesquisas e modos de avaliação sobre tendências futuras;
- f) Implantação de planejamento e programas específicos;
- g) Integração da escola com a comunidade.

Portanto, a rede deve ser formada por uma equipe familiarizada com os mesmos objetivos na busca de novas parcerias para realizações sociais e culturais, atenta às novas tendências e, naturalmente, aos novos desafios que se apresentem durante o processo, como é o caso específico das bibliotecas escolares.

É necessário reconhecer que as redes de biblioteca escolar são um organismo vivo e parte da escola, pois disponibilizam aos utilizadores os recursos necessários à leitura, ao acesso, ao uso e à produção da informação em suportes analógico, eletrônico e digital. É esperado que redes de biblioteca escolar comportem espaços agregadores para a geração de conhecimentos, tendo o uso de recursos diversificados, que se engajem na mudança das práticas educativas, no suporte às aprendizagens, no apoio ao currículo, no desenvolvimento da competência digital, da informação e na formação de leitores críticos para a vida cidadã.

4. Metodologia

Esta é uma pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória. Ansiar por compreender como são estruturados os recursos humanos, físicos, financeiros, tecnológicos e de informação para garantir a funcionalidade de uma rede de bibliotecas escolares conferiu a esta pesquisa a característica de estudo exploratório. Gil (1999:27) considera que “[...] este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado”.

A coleta de dados foi realizada por meio da aplicação da entrevista semiestruturada. O que fomenta a decisão de uso desse tipo de entrevista é a possibilidade que o entrevistador tem de avaliar atitudes, podendo este relatar as reações e gestos do entrevistado. “O entrevistador permite ao entrevistado falar livremente sobre o assunto, mas, quando este

se desvia do tema original, esforça-se para a sua retomada” (GIL, 1999:112). Laville e Dionne (1999) ainda relatam que nas entrevistas os temas são particularizados e as questões são preparadas com antecedência.

Nascimento e Castro Filho (2007), corroborados por Camillo e Castro Filho (2018), tornam claro que a biblioteca é entendida como um sistema organizado, portanto a ausência ou má distribuição dos recursos humanos, físicos, financeiros, tecnológicos e de informação nesse ambiente incide na ineficiência desse organismo e, conseqüentemente, na estruturação de atividades corriqueiras. Por essa razão, as perguntas feitas ao sujeito pesquisado enfatizam esses tipos de recursos, pois são comumente intrínsecos ao bom funcionamento e qualidade de atendimento em unidades de informação. Essas perguntas estão alocadas no Quadro 1.

Quadro 1 – Perguntas aplicadas

	Perguntas
1	Há bibliotecários em cada uma das unidades da rede de bibliotecas?
2	O quadro de funcionários abrange as diversas formações e cargos para o coeso funcionamento da rede?
3	Há o estabelecimento de padrões de mobiliário?
4	Os aspectos estruturais das bibliotecas (iluminação, ventilação, etc.) se respaldam em normativas?
5	As tecnologias da informação e da comunicação disponíveis são as essenciais?
6	Há a garantia de verba destinada especialmente para a biblioteca?
7	A verba tem como finalidade a manutenção regular e inovações necessárias ao melhor funcionamento da rede e suas bibliotecas?
8	Há um plano orçamentário para desenvolvimento da rede de bibliotecas?
9	Há a emissão de relatórios que indicam a ‘saúde’ ao mesmo tempo que perspectivam o desenvolvimento da rede?
10	Há recursos de informação plurais?
11	Há equilíbrio entre os tipos de recursos informacionais presentes nas bibliotecas da rede?
12	As bibliotecas proveem o acesso a todos os equipamentos eletrônicos, computacionais e audiovisuais necessários?

Fonte: elaborado pelos autores (2019).

É válido salientar que as perguntas foram aplicadas em entrevista feita presencialmente no mês de novembro de 2017 à Coordenadoria Geral de Bibliotecas de uma rede com sede na cidade de São Paulo. Essa rede dispõe de bibliotecas interconectadas que estão dispostas tanto na capital, região metropolitana e cidades do interior do Estado de São Paulo. O Quadro 2 apresenta o perfil do sujeito da pesquisa.

Quadro 2 – Perfil do sujeito da pesquisa

Sexo	Cargo	Localização	Formação superior
Feminino	Coordenadora Geral de Bibliotecas	São Paulo, Estado de São Paulo	Mestrado, especialização e graduação.

Fonte: elaborado pelos autores (2019).

Recorreu-se à aplicação do método Análise de Conteúdo. Bardin (2016:14) entende esse método como “[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. Segundo a autora, esse método possui três fases intrinsecamente relacionadas e que compõem a organização da análise: a pré-análise; a exploração do material; o tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

A fase de pré-análise “Corresponde a um período de intuições, mas tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso de desenvolvimento das operações sucessivas” (BARDIN, 2016:125). É nesse momento que ocorrem as leituras flutuantes (momento em que o analista se deixa invadir por impressões e orientações dos documentos) e a escolha dos documentos. Constituir um *corpus* de documentos para serem analisados implica, quase sempre, escolhas, seleções e regras. Portanto, eis as principais regras:

- a)** Exaustividade – o sistema de categorias resultante deve abranger todos os itens relevantes para o estudo presentes no corpo documental. Além disso, cada categoria deve abranger por completo o conjunto das unidades de sentido que se coloca sob o seu teto.
- b)** Exclusividade – uma unidade de registro não deve pertencer a mais do que uma categoria, sendo de boa prática [...] explicitar os indicadores das unidades a incluir em cada categoria a fim de ‘tornar certos os resultados discutíveis’.
- c)** Homogeneidade – um sistema de categorias deve referir-se a um único tipo de análise, não tendo cabimento, portanto, misturar diversos critérios de classificação.
- d)** Pertinência – um sistema de categoria deve ser adaptado ao corpus em análise, à problemática e aos objetivos da investigação.
- e)** Objetividade – há que evitar a subjetividade e a ambiguidade na sua formulação tornando-a utilizável, de igual modo, por vários investigadores, o que implica uma definição precisa, operatória (diferente da definição lógica) e que se traduz na explicitação metódica dos critérios que nos levam a identificar determinada parcela da mensagem com determinada categoria.
- f)** Produtividade – deve oferecer a possibilidade de análises férteis em novas hipóteses e permite avançar para um nível de teorização que não fique apenas pela descrição e pela interpretação imediata dos documentos, mas permita a elaboração de novos constructos coerentes com os dados [...] (AMADO, COSTA e CRUSOÉ, 2014:335-336).

Para Amado, Costa e Crusoé (2014), essas são as regras da categorização que preveem a validação interna do sistema categorial, que já está elaborado e apresentado no Quadro 3. Dentre as várias técnicas de análise de conteúdo apresentadas por Bardin (2016), optou-se pela técnica de análise temática, que, na maioria das vezes, prevê a elaboração desse tipo de sistema.

Quadro 3 – Sistema de categorias

Categoria I	Recursos humanos	
	Indicadores	
	Indicador I	Há bibliotecários em cada uma das unidades da rede de bibliotecas;
	Indicador II	O quadro de funcionários abrange as diversas formações e cargos para o coeso funcionamento da rede;
Categoria II	Recursos físicos	
	Indicadores	
	Indicador III	Há o estabelecimento de padrões de mobiliário;
	Indicador IV	Os aspectos estruturais das bibliotecas (iluminação, ventilação, etc.) se respaldam em normativas;
	Indicador V	As tecnologias da informação e da comunicação disponíveis são as essenciais;
Categoria III	Recursos financeiros	
	Indicadores	
	Indicador VI	Há a garantia de verba destinada especialmente para a biblioteca;
	Indicador VII	A verba tem como finalidade a manutenção regular e inovações necessárias ao melhor funcionamento da rede e suas bibliotecas;
	Indicador VIII	Há um plano orçamentário para desenvolvimento da rede de bibliotecas;
	Indicador IX	Há a emissão de relatórios que indicam a ‘saúde’ ao mesmo tempo que perspectivam o desenvolvimento da rede;
Categoria IV	Recursos de informação	
	Indicadores	
	Indicador X	Há recursos de informação plurais;
	Indicador XI	Há equilíbrio entre os tipos de recursos informacionais presentes nas bibliotecas da rede;
Categoria V	Recursos tecnológicos	
	Indicador	
	Indicador XII	As bibliotecas proveem o acesso a todos os equipamentos eletrônicos, computacionais e audiovisuais necessários;

Fonte: elaborado pelos autores (2019).

A segunda fase da aplicação do método Análise de Conteúdo – exploração do material – “Consiste no processo através do qual os dados brutos são transformados sistematicamente e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição exata das características pertinentes ao conteúdo expresso no texto” (OLIVEIRA, 2008:572). Bardin (2016) infere que se as diferentes operações da fase de pré-análise forem concluídas com êxito, esta etapa de exploração do material não é mais do que a aplicação sistemática das decisões tomadas.

Destarte, o próximo procedimento é o de sistematização do conteúdo do material. O Quadro 4 é formado pelas categorias que vão de I a IV, na primeira coluna, pelos indicadores que vão de I a XII, na segunda, e pelas unidades de registro, na terceira coluna.

As unidades de contexto utilizadas para equacionar os recortes das unidades de registro foram os trechos da entrevista.

Quadro 4 – Processo de sistematização do conteúdo do material

Categorias	Indicadores	Unidades de registro	
Categoria I	Indicador I	“Hoje a gente tá assim: um coordenador geral, formado em biblioteconomia, eu tenho pós-graduação em gestão de serviços e sistemas de informação [...], Mestrado em Moda, Cultura e Arte [...]. Aqui na unidade a gente tem três pessoas, elas são formadas em biblioteconomia e outras áreas, elas não trabalham diretamente com as bibliotecas, elas trabalham no planejamento [...]. Nas unidades a gente tem 27 bibliotecários pra 57 unidades, então a gente divide. Qual é o desenho? Um bibliotecário pra cada duas bibliotecas, é isso... [...]”.	
Recursos humanos	Indicador II		
	O quadro de funcionários abrange as diversas formações e cargos para o coeso funcionamento da rede	“Olha... a gente tá percebendo assim... claro, o bibliotecário, o docente, o aluno, [...], a gente tá vendo também alguém com perfil de ação cultural. Por que isso? A gente precisa o tempo todo de uma ação. Também tem os auxiliares [...]. A gente tá tentando trazer também o pessoal formado na área de humanas”.	
Categoria II	Indicador III	“Na verdade tem, que é aquele padrão bege que a gente chama de escritório, mas tá tendo que ser modificado, porque a gente tá pedindo isso, agora com rodinhas por conta de layout de espaço”	
Recursos físicos	Indicador IV		
	Os aspectos estruturais das bibliotecas (iluminação, ventilação, etc.) se respaldam em normativas		“A gente segue o padrão de acordo com as normas da ABNT, olhamos pras Normas da Segurança no Trabalho, Segurança Patrimonial, então a área da Engenharia já tem tudo isso mapeado, [...] a gente compartilha e acaba trabalhando em conjunto”.
	Indicador V		“[...] o que a gente tem percebido é que o aluno traz o seu próprio celular. Com essa mobilidade, o que a gente tá passando agora? [...] O sistema precisa estar responsivo e os serviços aqui disponíveis, e aí, o que a gente coloca? <i>iPads, tablets...</i> a gente tá começando a trabalhar com os <i>notebooks</i> , mas por conta de segurança, furtos, os gerentes são resistentes, aí a gente coloca cadeado, mas é uma preocupação nossa”.
Categoria III	Indicador VI	“Existe toda um estrutura [de] sistema [...], então a [...] gente já participou de alguns fomentos pra compra de livros, mas 100% [...] é via próprio [instituição] mesmo, através de reserva anual”.	
Recursos financeiros	Indicador VII		
	A verba tem como finalidade a manutenção regular e inovações necessárias ao melhor	“Total! Agora... o que eu falei: a gente fez uma reserva pro ano que vem de conteúdos digitais que é o que nós já temos, então Pearson, Cengage, livros Editora Senac, ABNT [...]. Fiz essa reserva financeira e também tenho uma reserva pra consultoria, então a gente o ano que vem quer as unidades de informação com o novo modelo de biblioteca, como espaço de aprendizagem, então pra isso a gente vai contratar consultores; eu reservo para projetos especiais	

	funcionamento da rede e suas bibliotecas	[...]”.
	Indicador VIII	“[...] É legal que a unidade [...] fala assim: “eu quero pilotar aqui um <i>space maker</i> ”, [...] eu entro com a minha parte, faço a minha reserva, já faço a reserva dela e a gente, seguindo o que eu falei, [...] vai desenhar junto; então financeiramente é viável sim, pode ser a coordenação geral e a unidade quem decide. Agora a reforma do prédio tem que ser o gerente que tem que pedir pra área da engenharia, [...] eu como ‘biblioteca’ não posso pedir isso; eu posso estimular o gerente junto com a equipe que ele que vai pedir”.
	Há um plano orçamentário para desenvolvimento da rede de bibliotecas	
	Indicador IX	“Sim. Por exemplo, [...] a gente tá fazendo um pedido de tirar a multa do aluno que a gente aplica, dois reais, [...] a gente quer tirar isso; para fazer isso a gente tirou relatório de empréstimo dos últimos dez anos e foi bem bacana porque a gente mostrou que o aluno também tem o lado positivo, porque ele usa muito a biblioteca, pegando material emprestado, tendo uma queda por conta do digital e por outro lado a gente percebe também que tá tendo uma queda do uso quando ele tem multa porque ele fica com medo de ir à biblioteca, ela não vai porque ele não tem dinheiro, porque ele tem a multa, então a gente quer tirar isso aí pra melhorar os serviços. Outra coisa: bolsa também. A gente já percebeu. Tem unidades que já tão pilotando e deixam entrar com bolsa... [...] não é patrimoniado o nosso livro, é um bem de consumo [...]”.
	Há a emissão de relatórios que indicam a ‘saúde’ ao mesmo tempo que perspectivam o desenvolvimento da rede	
Categoria IV	Indicador X	“Materiais bibliográficos (livros, periódicos, teses, dissertações, TCCs, guias, relatórios, enciclopédias, dicionários); materiais audiovisuais (DVDs, CDs, softwares) e materiais tridimensionais (jogos, aromas, tecidos e guarda-chuvas)”.
	Há recursos de informação plurais	
	Indicador XI	“Ele é determinado a partir da nossa Política de Gestão de Estoques Informacionais, levando em consideração os aspectos de aquisição (compra, doação, permuta) e de descarte. O documento costuma ser atualizado a cada três anos, conforme as nossas bibliotecas vão se desenvolvendo e percebendo novas necessidades”.
	Há equilíbrio entre os tipos de recursos informacionais presentes nas bibliotecas da rede	
Categoria V	Indicador XII	
	As bibliotecas proveem o acesso a todos os equipamentos eletrônicos, computacionais e audiovisuais necessários	“Nem todos. Gostaríamos [...] de dispor de leitores digitais (<i>e-readers</i>) e de tecnologia assistiva”.

Fonte: elaborado pelos autores (2019).

A fase de tratamento dos resultados obtidos e interpretação – a seguir – é a última da aplicação do método. É nessa fase que o analista tem a possibilidade de realizar interpretações, abrindo pistas em torno de novas dimensões tanto teóricas quanto interpretativas (CAVALCANTE, CALIXTO e PINHEIRO, 2014). Sendo assim, essa é fase em que, para Bardin (2016), os resultados brutos são tratados e, como consequência, tornam-se ‘falantes’.

5. Resultados e discussões

A categoria **recursos humanos** tem dois indicadores, o I e o II, que fazem referência às seguintes hipóteses, respectivamente: ‘há bibliotecários em cada uma das unidades da rede de bibliotecas’ e ‘o quadro de funcionários abrange as diversas formações e cargos para o coeso funcionamento da rede’.

Para o indicador I, o sujeito da pesquisa inferiu: *“Nas unidades a gente tem 27 bibliotecários pra 57 unidades, então a gente divide. Qual é o desenho? Um bibliotecário pra cada duas bibliotecas [...]”*.

Em relação ao indicador II, teve-se como resposta: *“[...] o bibliotecário, o docente, o aluno, [...], a gente tá vendo também alguém com perfil de ação cultural. Por que isso? A gente precisa o tempo todo de uma ação. Também tem os auxiliares [...]. A gente tá tentando trazer também o pessoal formado na área de humanas”*.

Entende-se que os recursos humanos em redes de bibliotecas escolares devem ser compostos por profissionais da informação – bibliotecários – habilitados, além de outros profissionais que agreguem ao trabalho das unidades da rede.

O caso analisado traz a informação de que há um bibliotecário escolar para cada duas bibliotecas. Embora seja ideal a existência de um bibliotecário por unidade, fica compreendido que essa configuração foi possível à rede de bibliotecas escolares analisada em função de questões financeiras, que não oportunizam, até o momento, a contratação de mais profissionais da informação para pilotarem cada uma uma biblioteca da rede. Portanto, o bibliotecário fica responsável por duas unidades da rede de duas diferentes cidades, geograficamente muito próximas. Isso levou a hipótese do indicador I a ser infirmada: não há bibliotecários em cada uma das unidades da rede de bibliotecas.

Quanto a diversidade de cargos para o coeso funcionamento da rede de bibliotecas escolares, o sujeito da pesquisa tem a expectativa de que haja como funcionários: bibliotecários, professores, profissionais com perfil cultural e de humanidades. Desse modo, fica evidente que a atuação do profissional de biblioteconomia se mostra interdisciplinar, pois destaca a importância do trabalho coletivo com os demais profissionais para o alcance dos serviços e produtos de informação propostos aos usuários da rede. Assim, a hipótese do indicador II, ‘o quadro de funcionários abrange as diversas formações e cargos para o coeso funcionamento da rede’, foi confirmada.

Quanto aos **recursos físicos** das unidades, tem-se três indicadores, o III, o IV e o V, que, respectivamente, têm como hipóteses: ‘há o estabelecimento de padrões de mobiliário’, ‘os aspectos estruturais das bibliotecas (iluminação, ventilação, etc.) se respaldam em normativas’ e ‘as tecnologias da informação e da comunicação são abundantes’.

Para o indicador III, o sujeito da pesquisa afirmou: *“Na verdade tem, que é aquele padrão bege que a gente chama de escritório, mas tá tendo que ser modificado, porque a gente tá pedindo isso, agora com rodinhas por conta de leiute de espaço”*.

Em relação ao indicador IV, o sujeito pesquisado disse: *“A gente segue o padrão de acordo com as normas da ABNT, olhamos pras Normas da Segurança no Trabalho, Segurança Patrimonial, então a área da Engenharia já tem tudo isso mapeado, [...] a gente compartilha e acaba trabalhando em conjunto”*. Já do indicador V, depreendeu-se que

“[...] o aluno traz o seu próprio celular. Com essa mobilidade, o que a gente tá passando agora? [...] O sistema precisa estar responsivo e os serviços aqui disponíveis, e aí, o que a gente coloca? iPads, tablets... a gente tá começando a trabalhar com os notebooks, mas por conta de segurança, furtos, os gerentes são resistentes, aí a gente coloca cadeado, mas é uma preocupação nossa”.

Houve a confirmação das hipóteses dos indicadores III, IV e V. No caso do primeiro, ficou claro que sim, há um padrão de mobiliário nas unidades da rede, chamado pela equipe de coordenação de “escritório”. Entretanto, devido às alterações na oferta dos produtos e serviços de informação em função também da mudança das demandas dos usuários da informação, se tem adotado para as unidades mobiliário com rodinhas, devido ao leiaute do espaço, que tem sido reconfigurado. No que se refere ao indicador IV, a rede segue os padrões normativos estabelecidos pela Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT, pela Norma de Segurança no Trabalho e pela Norma de Segurança Patrimonial, portanto, em termos de conservação e preservação estruturais e ambientais, a rede de bibliotecas escolares analisada se respalda em normativas para garantir a integridade dos seus recursos físicos.

Com as inferências relacionadas ao indicador V, entende-se que o usuário da informação das unidades da rede utiliza o próprio celular para acessar e produzir conteúdo, contudo isso não basta. É necessário haver responsividade aos usuários nas atividades disponibilizadas pela rede, por isso há a necessidade de complementar a experiência no acesso e uso da informação com outras tecnologias da informação e da comunicação, como os *tablets* e *notebooks*.

Para a IFLA (2016), aspectos das bibliotecas escolares têm passado por mudanças. É evidente que a tecnologia tem cada vez mais potencializado a exploração das múltiplas linguagens para o trabalho com os alunos nesses espaços de informação e conhecimento. Muitas bibliotecas têm assumido a concepção de centros de aprendizagem, pois possibilitam aos usuários se envolverem nas ações por meio de uma cultura participativa, tornando-os protagonistas na ação do consumo de informação. Para Lankes (2016) “a nova visão da biblioteca não é local ou como acervo de livros, mas como uma plataforma comunitária para a criação e o compartilhamento de conhecimento” (p. 116). Dessa maneira, contrariamente, os elementos físicos desse espaço são compreendidos como coparticipantes do processo de criação de produtos e serviços de informação e não mais como protagonistas dessa ação, situação que favorecia a visão que a biblioteca tinha de fazer unicamente a custódia de recursos. Assim, fruto de um novo paradigma, a intencionalidade das bibliotecas como ambientes de produção, mediação e uso da informação recai sobre a oportunidade de exploração, criação e uso de conteúdos em favor da emancipação e desenvolvimento das habilidades e competências dos usuários da informação *per si*.

Os indicadores VI, VII, VIII e IX pertencem à categoria **recursos financeiros**. Respectivamente, as hipóteses consideradas para essa categoria são: ‘há a garantia de verba destinada especialmente para a biblioteca’, ‘a verba tem como finalidade a manutenção regular e inovações necessárias ao melhor funcionamento da rede e suas bibliotecas’, ‘há um plano orçamentário para desenvolvimento da rede de bibliotecas’ e ‘há a emissão de relatórios que indicam a ‘saúde’ ao mesmo tempo que perspectivam o desenvolvimento da rede’.

Como afirmação para o indicador VI, obteve-se: *“Existe toda um estrutura [de] sistema [...], então a [...] gente já participou de alguns fomentos pra compra de livros, mas 100% [...] é via próprio [instituição] mesmo, através de reserva anual”.*

Em relação ao indicador VII, o sujeito pesquisado pontuou: *“Total! Agora... o que eu falei: a gente fez uma reserva pro ano que vem de conteúdos digitais que é o que nós já temos, então Pearson, Cengage, livros Editora Senac, ABNT [...]. Fiz essa reserva financeira e também tenho uma reserva pra consultoria, então a gente o ano que vem quer as unidades de informação com o novo modelo de biblioteca, como espaço de aprendizagem, então pra isso a gente vai contratar consultores; eu reservo para projetos especiais [...]”.*

O conteúdo da entrevista atrelado ao indicador VIII da categoria ‘recursos financeiros’ foi: *“[...] É legal que a unidade [...] fala assim: “eu quero pilotar aqui um space maker”, [...] eu entro com a minha parte, faço a minha reserva, já faço a reserva dela e a gente, seguindo o que eu falei, [...] vai desenhar junto; então financeiramente é viável sim, pode ser a coordenação geral e a unidade quem decide. Agora a reforma do prédio tem que ser o gerente que tem que pedir pra área da engenharia, [...] eu como ‘biblioteca’ não posso pedir isso; eu posso estimular o gerente junto com a equipe que ele que vai pedir”.*

Quanto ao indicador IX, o sujeito da pesquisa inferiu: *“Sim. Por exemplo, [...] a gente tá fazendo um pedido de tirar a multa do aluno que a gente aplica, dois reais, [...] a gente quer tirar isso; para fazer isso a gente tirou relatório de empréstimo dos últimos dez anos e foi bem bacana porque a gente mostrou que o aluno também tem o lado positivo, porque ele usa muito a biblioteca, pegando material emprestado, tendo uma queda por conta do digital e por outro lado a gente percebe também que tá tendo uma queda do uso quando ele tem multa porque ele fica com medo de ir à biblioteca, ela não vai porque ele não tem dinheiro, porque ele tem a multa, então a gente quer tirar isso aí pra melhorar os serviços. Outra coisa: bolsa também. A gente já percebeu. Tem unidades que já tão pilotando e deixam entrar com bolsa... [...] não é patrimoniado o nosso livro, é um bem de consumo [...]”.*

As hipóteses dos indicadores VI, VII, VIII e IX foram confirmadas. A instituição à qual se vincula a rede de bibliotecas escolares dispõe de recursos financeiros especialmente destinados para as bibliotecas e tem como um dos objetos a manutenção e melhora da rede de bibliotecas em seu todo, como se esperou com os indicadores VI e VII.

A Coordenadora Geral das Bibliotecas da rede referiu poder fazer planos orçamentários para desenvolver e melhorar a rede de bibliotecas, contudo é vedado à coordenadoria a solicitação de reforma predial. Para tanto, é necessário haver estimulação do departamento bibliotecário junto da sua equipe para que as solicitações cheguem ao departamento de engenharia para que, por meio de análises e discussões, sejam atendidas. Hipótese confirmada para o indicador VIII.

Os relatórios emitidos pela coordenadoria da rede são instrumentos de análise da ‘saúde’ das bibliotecas. São eles que permitem interpretações mais bem fundamentadas da realidade das bibliotecas e da rede como um todo, oportunizando melhoras que tiveram a informação estruturada como aporte para esse feito. Desse modo, a hipótese vinculada ao indicador IX confirmou-se. Já referira a IFLA (2016) que “Os relatórios anuais devem incluir evidências sobre a qualidade dos serviços e programas da biblioteca escolar e o seu impacto sobre o ensino e a aprendizagem na escola” (p. 29).

A categoria **recursos de informação** tem três indicadores, o X, o XI e o XII, que fazem referência às seguintes hipóteses, respectivamente: ‘há recursos de informação plurais’, ‘há equilíbrio entre os tipos de recursos informacionais presentes nas bibliotecas da rede’ e ‘as bibliotecas proveem o acesso a todos os equipamentos eletrônicos, computacionais e audiovisuais necessários’.

A inferência do sujeito pesquisado para o indicador X foi: “*Materiais bibliográficos (livros, periódicos, teses, dissertações, TCCs, guias, relatórios, enciclopédias, dicionários); materiais audiovisuais (DVDs, CDs, softwares) e materiais tridimensionais (jogos, aromas, tecidos e guarda-chuvas)*”.

Quanto o indicador XI, registrou-se: “*Ele é determinado a partir da nossa Política de Gestão de Estoques Informacionais, levando em consideração os aspectos de aquisição (compra, doação, permuta) e de descarte. O documento costuma ser atualizado a cada três anos, conforme as nossas bibliotecas vão se desenvolvendo e percebendo novas necessidades*”.

Assim, verificou-se que as hipóteses dos indicadores X e XI foram confirmadas.

Mediante o relato da Coordenadora Geral das Bibliotecas, há várias manifestações da informação, de livros, relatórios, a trabalhos monográficos, além de material audiovisual e tridimensional. Desde o ano 2000, o Manifesto da IFLA/UNESCO para biblioteca escolar (IFLA e UNESCO, 2000) já preconizava que o acervo das bibliotecas escolares deve ser composto por uma diversidade de materiais informativos. O equilíbrio quanto ao tipo de material no acervo, como visto no indicador XI, também é realizado. Esse procedimento é garantido por meio da Política de Gestão de Estoques Informacionais, que é passível de atualizações frente a percepção das novas necessidades de informação dos usuários.

É importante ter em mente que a variedade de recursos de informação é fundamental, pois permite que os esforços das redes de bibliotecas estejam em consonância com os programas escolares, com a cultura e com o interesse dos usuários frente às tecnologias da informação e da comunicação para se trabalhar aspectos, inclusive, da mediação da informação.

Por fim, o indicador XII, aderente à categoria **recursos tecnológicos**, teve hipótese infirmada. Para esse, obteve-se como resposta: “*Nem todos. Gostaríamos [...] de dispor de leitores digitais (e-readers) e de tecnologia assistiva*”.

À vista disso, o sujeito pesquisado relata querer dispor de leitores digitais (*e-readers*) e tecnologia assistiva para acessar à informação, com vistas para que o aparato tecnológico das bibliotecas da rede seja mais expressivo e diversificado, embora até o momento da coleta de dados tenha sido pouco provável esse feito.

Desse modo, compreende-se que a biblioteca é o “[...] centro dinâmico de informação da escola, que permeia o seu contexto e o processo ensino-aprendizagem, interagindo com a sala de aula, que dispõe de recursos informacionais adequados” (ANTUNES, 1998:87). Frente à atual sociedade baseada na informação e no conhecimento, as bibliotecas que disponham de novos, diversificados e atuais equipamentos de informação e comunicação estão a permitir que seus usuários abram a porta para ingressarem num mundo dinâmico em que a apropriação da informação igualmente ocorre pela via da rede de base microeletrônica (IFLA, 2005; IFLA, 2016).

6. Considerações finais

O referencial teórico e a metodologia eleitos oportunizaram alcançar o objetivo proposto à pesquisa: compreender como são estruturados os recursos humanos, físicos, financeiros, tecnológicos e de informação para garantir a funcionalidade de uma rede de bibliotecas escolares.

O funcionamento e a manutenção de uma rede de bibliotecas representa trabalho árduo e de constante planejamento, visto que a atuação em rede tem a implicação de procedimentos e desdobramentos nos diversos níveis de atuação social em organizações, a dizer: estratégico, tático e operacional. Além disso, atuar em rede requer insumos das mais variadas naturezas para a garantia de oferta dos produtos e serviços de informação, isto é, os recursos humanos, físicos, financeiros, tecnológicos e de informação.

Com a análise dos trechos da entrevista ficou evidente que uma rede de bibliotecas escolares oportuniza o desenvolvimento equilibrado das unidades de informação vinculadas à rede. É fundamental haver recursos para o coeso funcionamento e manutenção de uma rede de bibliotecas, além de ser viável considerar que existem lacunas que são passíveis de pequenos incrementos e ajustes para se comunicar com as novas demandas apresentadas por usuários da informação.

A perspectiva de atuação em rede gera maior pluralidade profissional na formação de equipes para as redes. Isso endossa as vertentes educacional e cultural do trabalho em bibliotecas escolares, pois, por meio de uma rede de bibliotecas, essas facetas podem ser melhor exploradas nesses ambientes de informação, com custos reduzidos – um dos objetivos de se trabalhar em rede – frente a diversidade de atividades que podem ser desenvolvidas nas várias unidades vinculadas.

Desse modo, compreender a estruturação dos recursos em uma rede de bibliotecas é ir em direção aos novos paradigmas de acesso, mediação e uso da informação potencialmente possíveis de existirem diante da adequada adoção e uso dos recursos humanos, financeiros, físicos, tecnológicos de informação.

Por fim, ressalta-se que a grande contribuição desta pesquisa centra-se na área da biblioteconomia escolar. Mais pontualmente, é um estudo que incide em reflexões no que tange às bibliotecas escolares e a qualidade de prestação dos seus serviços, que podem potencializar, em primeira instância, o trabalho com as dimensões educativa e cultural na escola, e, em segunda instância, gerar oportunidades de aprendizagem por meio da multiplicidade de linguagens em consonância com a oferta desse tipo de serviço, que pode se expandir, e que, em virtude da atuação em rede, também pode gerar a economia dos mais variados tipos de recursos.

Referências bibliográficas

ANTUNES, W. A.

1998 Biblioteca escolar no Brasil: reconceituação e busca de sua identidade a partir de autores do processo ensinoaprendizagem. 1998.
Tese de Doutorado em Educação – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

AZEVEDO, A. L. de

2015 As Bibliotecas como um espaço de aprendizagem nos países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP). *Revista Brasileira de Bibliotecnomia e Documentação*. [Em linha]. 11: nº especial (2015) 27-45. Disponível em:
<http://www.brapi.inf.br/index.php/res/v/2853>.

BENIGNO, M. L. M.

2010 *Projecto: rede de bibliotecas de Macedo de Cavaleiros*. 2010.
Dissertação de Mestrado em Educação e Bibliotecas – Universidade Portucalense Infante D. Henrique.

BEZERRA, M. A. da C.

2008 O Papel da biblioteca escolar: a importância do setor no contexto educacional. *CRB-8 Digital*. [Em linha]. 1:2 (out. 2008) 4-10. Disponível em:
<http://www.crb8.org.br/ojs/crb8digital>.

BORGES, M. E. N.

2007 O Essencial para a gestão de serviços e produtos de informação. *RDBCI: revista digital de Bibliotecnomia e Ciência da Informação*. [Em linha]. 5:1 (jul./dez. 2007) 115-128. Disponível em:
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/2007>.

BRITO, T. R.; VITORINO, E. V.

2017 O Bibliotecário e a mediação da informação no contexto das bibliotecas universitárias. *Páginas a&b: arquivos e bibliotecas*. [Em linha]. 3ª série. 8 (2017) 12-22. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/paginasab/article/view/3332/2976>.

CAMILLO, E. S.; CASTRO FILHO, C. M.

2018 Bibliotecas escolares no interior do Estado de São Paulo: evidências sobre a carência de recursos. *Revista ACB: Bibliotecnomia em Santa Catarina*. [Em linha]. 23:2 (abr./jul. 2018) 206-223. Disponível em:
<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1422/pdf>.

CAMILLO, E. S.; CASTRO FILHO, C. M.

2016 Rede de bibliotecas escolares: uma proposta ao sistema educacional municipal de Ribeirão Preto (SP). *Biblionline*. [Em linha]. 12:4 (2016) 117-131. Disponível em:
<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/31136/17588>.

CASTELLS, M.

2006 A Sociedade em rede: do conhecimento à política. In CASTELLS, M.; CARDOSO, G. *A Sociedade em rede: do conhecimento à acção política*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2006, p. 17-30.

CASTELLS, M.

2005a A Sociedade em rede. In CARDOSO, G. *et al.* - *A Sociedade em rede em Portugal*. Porto: Campo das Letras, 2005.

CASTELLS, M.

2005b *A Sociedade em rede*. 8ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

CASTRO FILHO, C. M.

2018 Rede de bibliotecas em Portugal: um programa modelo. *Informação & Sociedade: estudos*. 28:3 (set./dez. 2018) 23-34.

CAVALCANTE, R. B.; CALIXTO, P.; PINHEIRO, M. M. K.

2014 Análise de conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. *Informação & Sociedade: estudos*. 24:1 (jan./abr. 2014) 13-18.

CEZAR, K. G.; SUAIDEN, E. J.

2017 O Impacto da sociedade da informação no processo de desenvolvimento. *Informação & Sociedade: estudos*. 27:3 (set./dez. 2017) 19-29.

FERREIRA, S. M. S. P.

2005 Introdução às redes eletrônicas de comunicação. *Ciência da Informação*. 23:2 (maio/ago. 2005) 258-263.

IFLA

2016 *Diretrizes da IFLA para a biblioteca escolar*. Trad. Rede de Bibliotecas Escolares de Portugal. [S. l.]: IFLA, 2016.

IFLA; UNESCO

2005 *Diretrizes da IFLA/UNESCO para a biblioteca escolar*. Trad. Neusa Dias de Macedo. [S. l.]: IFLA, 2005.

IFLA; UNESCO

2000 *Manifesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar*. Trad. Neusa Dias de Macedo. São Paulo: IFLA, 2000.

LANKES, D. R.

2016 *Expect more: melhores bibliotecas para um mundo complexo*. São Paulo: FEBAB, 2016.

MARCHIORI, P. Z.

1997 "Ciberteca" ou biblioteca virtual: uma perspectiva de gerenciamento de recursos de informação. *Ciência da Informação*. 26:2 (maio/jul. 1997).

MARTELETO, R. M.

2007 Informação, rede e redes sociais: fundamentos e transversalidades. *Informação & Informação*. 12:nº especial (2007) 46-62.

MUSSO, P.

2010 A Filosofia da rede. In PARENTE, A. - *Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2010, p. 17-38.

NASCIMENTO, A. M.; CASTRO FILHO, C. M.

2007 Retrato das bibliotecas escolares da rede estadual de ensino do município de Ribeirão Preto-SP. *Biblionline*. [Em linha]. 3:1 (2007). Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/1496/1157>

OLIVEIRA, C. B.; CIANCONI, R. B.

2013 Cooperação, compartilhamento e colaboração: caso da rede de bibliotecas e centros de informação em Arte no Estado do Rio de Janeiro (Redarte/Rj). *Brazilian Journal of Information Science*. [Em linha]. 7:nº extra 1 (1º sem. 2013) 224-246. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4332480>.

PIMENTEL, C. D. P.

1977 Programa para criação e instalação de bibliotecas escolares na rede de ensino oficial. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*. 5:2 (jul./dez. 1977) 693-705.

PRIMI, L.

2016 A Imprensa e a sociedade da informação: a disputa de poder nas sociedades em rede. São Paulo, 2016.
Dissertação de Mestrado em História Social – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

SILVA, E. V.; VENTORIM, S.

2016 A Condição docente do bibliotecário escolar. *Biblioteca escolar em revista*. [Em linha]. 4:2 (2016) 941-108. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/berev/article/view/110277>.

VARELA OROL, C.; GARCÍA MOLERO, L. A.; GONZÁLEZ GUITIAN, C.

1988 Redes de biblioteca. *Boletín de la ANABAD*. 38:1/2 (1988) 215-242.

Everton da Silva Camillo | everton.camillo@unesp.br

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Brasil

Miriam Fernandes de Jesus Filho | biblioteconomiriam@hotmail.com

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Brasil

Claudio Marcondes de Castro Filho | claudiomarcondes@ffclrp.usp.br

Universidade de São Paulo (USP), Brasil